



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Antony Marcos Cruz Santana

HISTÓRIA NO QUINTAL DE CASA: UMA OFICINA DE HISTÓRIA NA BAÍA DA
TRAIÇÃO-PB

JOÃO PESSOA

2025

Antony Marcos Cruz Santana

HISTÓRIA NO QUINTAL DE CASA: UMA OFICINA DE HISTÓRIA NA BAÍA DA
TRAÍÇÃO-PB

Trabalho de conclusão de curso, em formato de artigo acadêmico, para obtenção do título de graduação (Licenciatura plena) em História pela Universidade Federal da Paraíba, orientado pela Prof. Dr. Cláudia Cristina do Lago Borges.

JOÃO PESSOA

2025

Antony Marcos Cruz Santana

HISTÓRIA NO QUINTAL DE CASA: UMA OFICINA DE HISTÓRIA NA BAÍA DA
TRAÍÇÃO-PB

Trabalho de conclusão de curso, em formato de artigo acadêmico, para obtenção do título de graduação (Licenciatura plena) em História pela Universidade Federal da Paraíba, orientado pela Prof. Dr. Cláudia Cristina do Lago Borges.

BANCA EXAMINADORA

Nota:
Prof^a. Dr^a. Cláudia Cristina do Lago Borges (Orientadora)
Departamento de História (DH) – UFPB

Nota:
Prof^a. Dr^a. Ana Maria Veiga
Departamento de História (DH) – UFPB

Nota:
Dárcya Jeanne Silva de Araújo
Pesquisadora do Abaiara– UFPB

RESUMO

Este artigo relata a experiência da oficina “História no quintal de casa”, desenvolvida com estudantes do 9º ano da Escola Municipal Antônio Azevedo, em Baía da Traição-PB, em sua maioria indígenas Potiguara. A iniciativa buscou superar as limitações do ensino tradicional de História através da integração entre análise documental, fotografias, mapas, censos e documentos históricos e estudo do meio, tendo como foco os patrimônios locais, a Igreja de São Miguel, o cemitério municipal e os canhões da Aldeia Forte. Os resultados demonstram que a aproximação concreta com as fontes históricas e os patrimônios da cidade, despertou nos alunos maior engajamento e senso de pertencimento, permitindo-lhes compreender processos como a colonização e a resistência indígena a partir de elementos de sua realidade próxima. A experiência evidencia a potência pedagógica do ensino de história local articulado com o estudo do meio, destacando sua contribuição para a valorização da identidade cultural e formação cidadã.

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Estudo do Meio; Povo Potiguara.

ABSTRACT

This article reports on the experience of the workshop “History in the backyard,” developed with 9th grade students from Antônio Azevedo Municipal School in Baía da Traição, Paraíba, most of whom are Potiguara indigenous people. The initiative sought to overcome the limitations of traditional history teaching through the integration of documentary analysis, photographs, maps, censuses, historical documents, and environmental studies, focusing on local heritage sites, the Church of São Miguel, the municipal cemetery, and the cannons of Aldeia Forte. The results show that concrete engagement with historical sources and the city's heritage awakened greater engagement and a sense of belonging in the students, allowing them to understand processes such as colonization and indigenous resistance based on elements of their immediate reality. The experience highlights the pedagogical power of teaching local history in conjunction with environmental studies, emphasizing its contribution to the appreciation of cultural identity and citizenship education.

Keywords: History Teaching; Local History; Environmental Studies; Potiguara People.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. POR QUE ENSINAR HISTÓRIA LOCAL?.....	10
2. A OFICINA HISTÓRIA NO QUINTAL DE CASA.....	13
2.1 Planejamento da oficina.....	14
2.2 Estudo do Meio.....	15
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
Referências.....	28

INTRODUÇÃO

O ensino de História possui atualmente uma grande deficiência em relação ao seu desempenho local e regional, visto que os currículos e as temáticas ensinadas nas escolas priorizam um conteúdo mais voltado à História nacional, em sua grande maioria. São raras as exceções de professores que buscam incentivar o conhecimento sobre a história local, e é evidente que grande parte desse problema é ocasionado por motivos que vão além do cotidiano da prática. Assim, podemos citar o foco que grande parte das escolas dá na preparação dos alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o qual acabam não trabalhando temáticas regionais.

Dessa maneira, há uma seleção muito criteriosa dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula, e, com isso, os professores são pressionados a abordarem apenas o essencial para os estudantes. Logo, não há espaço para que seja trabalhada a história local com eles, e essa carência do ensino de História é perceptível quando o brasileiro em geral não possui conhecimento algum sobre a história da formação do seu estado, da sua cidade ou do seu próprio bairro.

Contudo, mesmo que o professor de História busque desenvolver qualquer tipo de ensino voltado para a história da cidade, possivelmente terá dificuldades em encontrar referências, materiais didáticos e livros que possam auxiliá-lo no planejamento da sua aula. Algumas vezes, os materiais, quando encontrados, são obsoletos e caros. Sendo assim, os professores não conseguem trabalhar esta temática em suas aulas.

Além disso, mesmo com materiais didáticos, livros e outros suportes que possam permitir o ensino de história local, o professor sofre com uma barreira: a burocracia. Para este tipo de aprendizagem, é extremamente necessário elaborar e executar o chamado estudo do meio ou aula de campo; porém, ao sugerir a realização de uma aula de campo, aparecem inúmeras problemáticas burocráticas que acabam com qualquer interesse, devido à dificuldade.

Numa aula de campo, é fundamental que haja um transporte que facilite o deslocamento entre os locais, como praças, museus, edifícios e monumentos. Contudo, seja em escolas particulares ou públicas, há uma enorme dificuldade em adquirir um meio de transporte, devido ao alto custo para o aluguel desses veículos. Tudo isso acaba por gerar dificuldades que impedem a execução dessas atividades. Porém, o ensino de

história local pode ser um grande aliado para despertar o interesse do aluno e fazê-lo perceber que a História está mais próxima da sua realidade do que ele imagina. Grande parte dos estudantes não consegue enxergar o sentido em estudar História, por não entender nela uma utilidade ou aplicabilidade, visto que parte das temáticas ensinadas não mostra uma proximidade com a sua vida cotidiana.

O ensino de história local faz com que ele perceba, por exemplo, que a sua cidade, aparentemente sem importância ou relevância, tem uma série de aspectos históricos que ele já havia estudado, mas nunca percebido em seu entorno. Dessa maneira, de um conteúdo sem sentido e distante, passa a fazer parte do seu cotidiano e até mesmo da sua própria identidade como cidadão e morador. Além disso, percorrer o espaço local permite que os alunos explorem questões não apenas da história e da memória, mas também dos elementos geográficos, artísticos e arquitetônicos.

Pensando nesta possibilidade de despertar o interesse do estudante para aprender História, em especial sobre a importância da preservação da memória, e, portanto, de aproximar o que é aprendido em sala de aula com o seu cotidiano, este trabalho irá relatar a experiência de uma oficina pedagógica realizada na cidade da Baía da Traição.

A oficina “História no quintal de casa” surgiu a partir do edital da Lei Aldir Blanc, em 2024, cujo projeto elaborado foi aprovado e executado com o fim de trabalhar a história local da Baía da Traição, voltado para os alunos do Ensino Fundamental, enfatizando os espaços de memória do povo potiguara. Enquanto indígena Potiguara da Baía da Traição, quis contribuir com a construção da identidade indígena das futuras gerações, ensiná-los desde a infância a nossa história, para que assim possam desenvolver uma consciência histórica e continuar a luta e manutenção do nosso povo.

A oficina foi organizada com o intuito de desenvolver a reflexão sobre o patrimônio local e como eles contam sobre os principais eventos da cidade. Aplicada na Escola Municipal Antônio Azevedo, a oficina foi pensada com um conjunto de aulas onde seriam trabalhados os conhecimentos sobre a cidade, associando-os à história nacional e da Paraíba, auxiliando os alunos a entenderem como os eventos nacionais impactaram e como o município está inserido neste contexto.

Este trabalho buscou utilizar uma aprendizagem ativa dos estudantes, para que eles pudessem desenvolver as suas capacidades de raciocínio e de análise, estimulando o interesse e a participação com a utilização de documentos, fotografias, mapas e relatos

sobre o lugar. Além da utilização dos materiais, fez-se uso do estudo do meio como metodologia de aprendizagem, a fim de desenvolver os conhecimentos sobre a História da cidade e do povo indígena Potiguara.

1. POR QUE ENSINAR HISTÓRIA LOCAL?

A história local pode ser uma aliada muito útil no ensino de História, embora seja pouco utilizada e explorada; pode contribuir bastante no processo de aprendizagem, pois, ao partir do lugar e da realidade dos estudantes, o professor pode ter resultados muito satisfatórios no seu ofício, visto que, ao ensinar, ele precisa ter em mente que o que é ministrado em suas disciplinas precisa fazer sentido para o cotidiano do aluno. O estudante precisa enxergar que o que aprende em sala de aula tem um motivo, como afirma Barbosa (2006, p. 67): “Ensinar história requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra [...]”.

Todo ser humano precisa de uma motivação para agir, um porque e o ensino de história local pode auxiliar nisso, pois consegue despertar no aluno o interesse e o sentido em estudar, ao educá-lo a partir do que ele conhece e que faz parte da sua realidade e do seu cotidiano, o estudante pode começar a encontrar uma razão para estudar, pois o conhecimento dialoga com a sua vida e com as situações que interferem diretamente no seu dia a dia.

Dessa maneira, a falta de sentido torna o estudante apático e indiferente, como relata Barbosa (2006, p. 63): “A reação dos alunos à história nas salas de aula, que se apresenta na forma de aversão ou de apatia frente ao que é ensinado, quando afirmam que não sabem para que estudam isso ou que a história não tem função ou sentido”. Diante da afirmação do autor, é propositivo para o professor encontrar um sentido para o que é ensinado, e, como dito anteriormente, a história local pode ajudar neste processo. Saber perscrutar as motivações e as necessidades do aluno vai ajudar nesse aprendizado.

Diante o exposto, vamos tomar o seguinte exemplo: um professor, ao ser colocado em uma escola, se deparou com uma turma bastante agitada e sem motivação para estudar. Buscando uma maneira de encontrar um modo de cativar a atenção, começa a dar uma aula sobre o contexto político da chamada República Velha; os alunos não

prestam atenção nos conceitos e nem nos acontecimentos que foram importantes neste período.

O professor sai desmotivado e cansado da sala de aula, imaginando uma maneira de solucionar este problema; ao sair da sala, observa que há uma carreata política e que grande parte dos pais dos alunos se encontram nela, dançando e fazendo cantorias em apoio ao seu candidato à prefeitura. Observando esta cena, ele vê uma excelente oportunidade de trabalhar isso em sala de aula e, na manhã seguinte, retoma o assunto sobre República Velha e entra no conceito de voto de cabresto.

O professor explica que, neste período, as pessoas eram obrigadas a votar em determinados candidatos por diversas situações; depois, o professor fez a seguinte questão: “Isso ainda está presente nos dias de hoje?” Vários alunos gritam que sim e que no dia anterior os seus pais tinham participado da carreata política e que foram obrigados a participarem, já que grande parte deles receberam a promessa de um emprego na prefeitura ou já eram contratados e não podiam perder o emprego, por ser a fonte de renda principal da família.

Depois, segue-se uma longa discussão entre os alunos sobre como grande parte dos seus pais detestam fazer isso, mas que não havia opção. O professor então percebeu que havia conseguido atingir os alunos e dado sentido ao que ele ensinava, já que tinha partido da realidade dos estudantes.

Essa pequena história é capaz de ilustrar um pouco sobre a possibilidade do ensino de história local ao utilizar um conceito da história aplicado à vida dos estudantes. Além de dar um sentido prático ao estudante, o professor também gera conexão com o aluno; ao trabalhar estas questões, o aluno percebe a utilidade da história de maneira prática.

Não somente isso, mas gera questionamentos e criticidade dos alunos, pois o professor pode instigar e exercitar o raciocínio deles, como, por exemplo, fazer com que eles reflitam sobre como a prática do voto de cabresto é antiga e como isso impacta diretamente a vida deles. A partir disso, eles conseguem perceber e até mesmo se revoltar com situações prejudiciais ao bem comum, gerando cidadãos conscientes e críticos.

Além disso, o ensino de História local possibilita desenvolver o senso de pertencimento na história. Ao ensinar sobre a história do seu lugar, o estudante passa a

perceber como ele também está inserido neste contexto histórico, não sendo mais um ensino distante sobre história geral e do Brasil, como mostra Lucilvana Barros e Roberg Santos:

A inserção do local no ensino de história tende a atender a uma demanda antiga na formação dos estudantes da Educação Básica, que é a necessidade de se sentirem parte da história. Uma vez que os estudantes aprendem sobre a história Geral e do Brasil, eles tendem a se distanciar da disciplina e, consequentemente, das aulas de História. Isso acaba resultando em baixos índices na disciplina, evasão escolar e percepções históricas distantes da realidade mais próxima. (Barros e Santos, 2024, p.208)

Quando se fala de história local, normalmente, é difícil convencer as pessoas de que sua história e seus saberes têm importância, de que seu conhecimento e seu lugar social também é um lugar histórico, pois sua história não é estritamente local, mas faz parte de um contexto regional, nacional e mundial, assim como toda história em sua essência.

Dessa maneira, é importante estimular a compreensão de uma história local conectada com a história geral, para que os alunos percebam que a sua realidade como o seu bairro, rua e sua cidade está em um diálogo direto com todos os conteúdos estudados sobre história do Brasil e história geral, criando assim uma noção de autorreconhecimento do lugar histórico e social de cada sujeito.

Além disso, o professor pode partir do que os alunos conhecem e assim fazer com que desenvolvam a noção de pertencimento, mas também podem desenvolver a própria identidade enquanto cidadãos de um município, estado ou país, como afirma Bittencourt (2008, p. 169): “O papel do ensino de história na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da História local.”

Por exemplo, ao realizar aulas de campo no centro da minha cidade, Baía da Traição, na Paraíba, falei sobre as histórias dos lugares e dos seus patrimônios com os alunos, e percebi que, durante a aula, eles chegaram a se admirar de como aquele local, que para muitos não tem significado, possuía uma importância relevante para o contexto histórico local e das suas próprias identidades.

Quando as pessoas andam pela cidade, normalmente, passam de maneira indiferente por esses patrimônios e locais, justamente por não saberem a importância que estes possuem. Porém, com o ensino de história local, esses patrimônios, antes carentes

de significado, passam a ter um sentido mais amplo e significativo quando contextualizados num panorama regional/nacional. Uma igreja, um cemitério ou até mesmo canhões velhos passam a ter uma grande relevância.

São essas questões que revelam a importância da história local para a cultura popular e para o reconhecimento identitário das pessoas, pois essa noção de que sua história está conectada a um contexto maior e que tem importância local, regional e nacional só pode ser adquirida através da utilização dos conhecimentos acadêmicos adaptados à realidade das pessoas.

2. A OFICINA HISTÓRIA NO QUINTAL DE CASA

Quando criança, sempre brinquei nos canhões da Aldeia Forte; costumava subir lá, olhar a bela vista do mar e da Baía da Traição, que forma um porto natural em terras potiguara. Olhava para os canhões que lá estavam, rusticamente organizados, e pensava comigo mesmo: “Quem colocou esses canhões aqui?”, “Qual era a utilidade deles?”, “O que significavam aqueles brasões gravados nos canhões?”. Sem perceber, já tomava a atitude de um historiador: me enchia de perguntas, mas não tinha respostas; perguntava aos anciãos, mas ninguém sabia explicar a história daquele local, apenas falavam que os portugueses haviam deixado eles lá.

Esse sentimento de questionar o porquê das coisas também estava presente na festa do padroeiro da Baía da Traição, São Miguel Arcanjo, que acontece em frente às ruínas da igreja que carrega o mesmo nome. Eu via as paredes que revelavam sua estrutura e me impressionava pelo fato de elas não serem de tijolos e sim de pedras brutas com argamassa. Com isso, pensava: “Por que a arquitetura é tão diferente? Por que não tem tijolos?” e, principalmente, me perguntava: “Por que o teto havia caído e ninguém o consertava?”.

Todas essas perguntas me acompanharam durante grande parte da minha vida, mas nunca tive respostas; mesmo conversando com os mais velhos, somente tive um vislumbre de responder minhas dúvidas internas quando adentrei o curso de Licenciatura em História, porém, elas não foram resolvidas de imediato.

No decorrer do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pude conhecer um pouco da história da minha cidade em disciplinas como História do Brasil, História da Paraíba e História dos Povos Originários das

Américas, e nessas aulas consegui ter as respostas para alguns dos meus questionamentos, tais como o porquê de ter canhões na Baía da Traição e por qual motivo a igreja de São Miguel foi construída daquela forma. Assim, tive alguns dos meus questionamentos respondidos, mas não de maneira satisfatória.

Dessa forma, comecei a procurar maneiras de me aprofundar ainda mais nesse conhecimento, através de pesquisas em arquivos como o Arquivo Histórico Ultramarino e o Arquivo da Biblioteca Nacional. Nessas pesquisas, pude encontrar diversas documentações sobre a minha cidade e os aspectos históricos que a circundam.

Foi com esse aprofundamento que passei a perscrutar uma maneira de sanar as dúvidas e os questionamentos de muitas das crianças que, como eu, ao passar pelos patrimônios da baía, se perguntavam sobre os porquês das coisas serem como são, mas, assim como eu, não tinham nenhuma resposta.

Posto isto, como um indígena potiguara que conseguiu adentrar a universidade pública, que é um espaço que muitas vezes não é acessível a meu povo, me senti na responsabilidade de trazer estes conhecimentos acadêmicos de uma maneira coerente para o povo potiguara, com o cuidado e a estima que somente um indígena poderia ter para com a sua história. Pois esses conhecimentos acadêmicos, adaptados para serem melhor compreendidos, podem auxiliar diretamente na construção da identidade étnica, que é algo de suma importância para a vida de qualquer cidadão, em especial para um indígena, que tem uma ligação tão íntima com o seu passado e o seu território. Com essa perspectiva, é possível ensinar a juventude sobre a importância de seu passado, os sentidos dos patrimônios existentes na nossa terra, e o que significa reconhecer-se como indígena potiguara e sentir orgulho disso.

2.1 Planejamento da oficina

Com toda essa noção de construção identitária, orgulho, pertencimento e consciência histórica, descobri a Lei Aldir Blanc, que é uma lei de incentivo a ações culturais. Com essa lei, percebi a oportunidade de desenvolver um projeto que pudesse auxiliar na educação sobre história local para a nossa juventude Potiguara, priorizando a participação indígena na construção da cidade e de seu patrimônio.

Tendo isso em mente, submeti um projeto cultural em 2024, intitulado “História no Quintal de Casa”. Este nome partiu da ideia de se construir uma oficina que trabalhasse

uma noção de pertencimento e de participação na história, sendo um projeto para desenvolver a noção identitária dos estudantes indígenas e mostrar para eles que a história está próxima e intimamente ligada ao seu contexto, como se a história estivesse no seu quintal de casa.

Com o desenrolar da seleção, meu projeto foi aprovado e vi a possibilidade de organizá-lo para ocorrer no ano de 2025. Para a oficina, busquei aplicá-la em duas turmas do 9º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Azevedo, cada turma possuía em torno de 20 alunos, em sua grande maioria formada por indígenas potiguaras.

A oficina foi organizada de maneira a priorizar uma aprendizagem ativa dos estudantes, focando na sua participação direta, no estímulo da curiosidade e na reflexão sobre o espaço da cidade e do seu patrimônio histórico, tomando ela como fonte primordial da aprendizagem da oficina. Para atingir estes objetivos o estudo meio foi utilizado.

2.2 Estudo do Meio

Essa metodologia de ensino consiste em utilizar o meio, ou seja, o lugar ou espaço próximo, onde se pode enxergar e perceber na prática o conteúdo aprendido na sala de aula, popularmente conhecido como aula de campo ou como atividade externa, assim como afirmam Lopes e Pontuschka:

Um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (Lopes e Pontuschka, 2009, p. 173)

Dessa forma, como ressaltam os autores, o estudo do meio é um importantíssimo aliado no processo de aprendizagem e pode ser utilizado em diversas disciplinas como história, geografia, sociologia, artes e dentre outras. Nele, há a possibilidade de desenvolver a criticidade dos alunos, principalmente ao se tratar do ensino de história, pode-se buscar elementos externos à escola e, a partir deles, gerar debates, reflexões e curiosidade nos alunos, pois, ao utilizar o seu entorno como fonte de análise, o estudante

passa a entender os conteúdos aprendidos em sala de aula não somente como uma ideia abstrata, mas como um conceito visível que o ajuda a compreender a realidade.

Porém, quais espaços o professor deve selecionar para trabalhar com o estudo do meio? É claro que essa escolha vai depender da realidade local, pois, ao selecionar um espaço para realizar o estudo do meio, é importante ver elementos como a segurança, acessibilidade, custos para a execução da oficina, condições climáticas e a relação entre o tema e o espaço em questão. No caso da oficina realizada, os espaços selecionados levaram em conta a importância e relevância histórica na construção da cidade e na identidade indígena local, estes espaços carregam em sua história as mudanças mais profundas na cidade.

2.3 Desenvolvimento da oficina

A Igreja de São Miguel Arcanjo, por exemplo, foi selecionada, pois carrega em suas ruínas um enorme simbolismo: o início da colonização portuguesa, a catequização da população nativa e a mudança nos modos de viver, que impactaram diretamente na construção da cultura potiguara, sendo essa igreja ponto central na cultura e dos costumes religiosos na Baía da Traição desde sua fundação.

Fotografia 1- Ruínas da Igreja de São Miguel com o cemitério ao lado direito



Fonte: Página do Trilhas dos Potiguaras (sem data)

Do mesmo modo, o cemitério municipal foi escolhido por carregar características ainda do período colonial, pois o seu modelo ainda segue o padrão de construção antigo, construído aos arredores das igrejas e que, apesar de tão antigo, ainda é utilizado, e é onde são sepultadas as lideranças indígenas. Sendo assim, ele possui uma importância cultural e social significativa para a comunidade.

Além desses espaços, foi escolhido também o fortim da Aldeia Forte, local onde ficam alguns canhões do período colonial, no alto de uma falésia, utilizados no passado para a proteção contra invasores e para vigiar as ações dos indígenas potiguaras, a fim de que pudessem estar constantemente observados com o intuito de controle.

Contudo, para que o estudo do meio venha a ser utilizado de maneira correta, é importante realizar toda uma preparação e um plano para que, assim, o docente possa verificar quais conteúdos e conceitos deseja explorar com os seus alunos, como explica Carollina Lima:

A (re)construção do conhecimento histórico é possível quando a/o docente planeja e oportuniza que a/o estudante interaja com os conteúdos da aprendizagem, por meio da observação, inferência, problematização, comparação e análise, em atividades investigativas que a/o desafiem progressiva e cognitivamente, bem como estejam conectadas às suas vivências e saberes. (Lima, 2023, p. 43)

Dessa maneira, a oficina foi planejada com encontro de três aulas para que, em cada uma das aulas, os objetivos específicos fossem atingidos e os alunos pudessem desenvolver ao máximo as suas capacidades e conhecimentos históricos sobre a história da Baía da Traição e, com isso, pudesse ser realizado o estudo do meio. Para que o planejamento pudesse abarcar todas as etapas da aprendizagem pretendida, o plano de aula foi formulado baseado no exemplar desenvolvido por Carolina Lima (2023) no seu artigo, Planejamento didático em história: uma proposta de plano de aula.

Na primeira aula, foi realizada a aproximação com os professores das duas turmas do 9º ano, neste primeiro momento, a oficina foi apresentada com o objetivo de obter uma parceria e permitir a participação dos alunos. O plano foi demonstrado a fim de que pudessem conhecer mais profundamente a oficina e para alinhar as futuras ações.

Feitas as primeiras apresentações aos docentes, em seguida foi o momento de apresentar para os estudantes a oficina, no qual foi demonstrado o cronograma de atividades, o tempo de duração das oficinas, o que seria trabalhado em cada aula, como a análise de documentos históricos, mapas, censos demográficos e fotografias. Além disso,

foi relatada a realização de um estudo do meio para que assim os estudantes pudessem ter em mente a atuação da oficina.

Fotografia 2 - Apresentação da oficina história no quintal de casa para os alunos.



Fonte: Imagem do autor (2025)

No primeiro encontro, foi perceptível a animação dos alunos ao participarem da oficina. O entusiasmo surgiu principalmente da possibilidade de aprenderem sobre a história de locais que, embora conhecidos, como a Igreja de São Miguel e os canhões da aldeia forte, eles pouco sabiam a sua origem e a sua história. Muitos participantes relataram que, apesar de frequentarem esses espaços constantemente, possuíam pouco conhecimento sobre, o que gerou uma grande expectativa para o aprendizado.

Já no segundo encontro, demos início à parte mais prática da oficina. Para garantir que os objetivos fossem alcançados de maneira adequada, foi organizado um plano de aula com todas as etapas da aula, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 1-Plano de aula da oficina

História no quintal de casa	
Duração: 1:30 h	Turma: 9ª ano A e B
Tema: A história da Baía da Traição a partir das fontes	
Objetivos	

Geral: Construir noções básicas da história da Baía da Traição e do povo Potiguar. Específicos: Analisar as diversas fontes históricas e como elas revelam aspectos da história; Desenvolver o conceito de Patrimônio e identidade e como isso se relaciona com o patrimônio da cidade; Incitar nos alunos uma atitude investigativa e crítica
Fase inicial:
1- Apresentar aos alunos as fontes utilizadas na construção da oficina; 2- Aproximação dos alunos com o material didático; 3- Explicação e contextualização do uso da fonte na História;
Fase de desenvolvimento:
4- A relação entre os documentos e a história da cidade; 5- Observação das mudanças nos espaços da cidade e dos patrimônios nas fotografias; 6- Observação dos mapas da cidade e as mudanças entre a organização no passado e na atualidade; 7- Observação do censo demográfico; 8- Observação dos documentos do Arquivo histórico ultramarino sobre a cidade;
Fase de conclusão:
9- questionamentos aos alunos sobre aspectos que chamaram a atenção 10- Resposta das perguntas feitas pelos alunos
Avaliação da aprendizagem
11- Avaliação foi realizada numa roda de conversa onde foram realizadas perguntas dos temas trabalhados com as fontes.

Fonte: Baseado no texto da Carolina Lima

Nesta segunda aula, o objetivo principal foi construir uma noção básica sobre a história da cidade e do povo potiguar. Para alcançar esse objetivo, utilizamos fontes

históricas como materiais didáticos, permitindo que os alunos desenvolvessem não apenas o conhecimento sobre a história local, mas também compreendessem o processo de elaboração do conhecimento histórico e a importância das fontes nesse contexto, como cita Antônia Fernandes:

Como material pedagógico, textos, fotos, mapas ou objetos passam a ter funções diferentes da sua finalidade original, mas é importante que suas metamorfoses sejam conhecidas e trabalhadas nas situações de ensino para que não fiquem esvaziados de seus percursos e significados sociais. Aliás, como obras sociais e culturais, esses materiais possuem grandes potencialidades educativas porque por meio deles é possível: cultivar procedimentos de pesquisa; explorar métodos de coleta de dados; desenvolver atitudes questionadoras para aprender a interrogar obras, seus usos e suas mensagens; indagar suas relações com indivíduos, grupos, locais e sociedades; interpretar discursos; analisar representações; entre outras possibilidades. (Fernandes, 2017, p. 296)

Nesta oficina, foram utilizados diferentes materiais, entre eles fotografias, mapas, censos demográficos e documentos do arquivo histórico ultramarino. O intuito de apresentar esses documentos e aproximá-los dos alunos tinha como finalidade demonstrar o processo de elaboração das informações que compõem a oficina, pois muitos dos estudantes não possuem ciência de como é feita a construção do conhecimento histórico.

É evidente que a educação básica não tem como finalidade a formação de historiadores, contudo, é importante demonstrar para os alunos, de maneira prática, como os conhecimentos históricos são construídos, quais tipos de perguntas devem ser feitas às fontes para se extrair as informações necessárias e os diferentes tipos de fontes que podem ser consultadas.

Além disso, foram apresentados para eles diferentes formas de materiais didáticos, pois grande parte dos alunos, em geral, não tem conhecimento sobre outros tipos de recursos pedagógicos, visto que muitas vezes o ensino é resumido à utilização dos livros. Apresentar o novo e o diferente para os alunos traz uma percepção de novidade e desperta a curiosidade, auxiliando no engajamento da turma. Neste caso, foi perceptível a interação da turma e a animação em ver diferentes materiais utilizados na aprendizagem, pois eles ficaram ainda mais interessados quando notaram que falavam diretamente de temáticas ligadas à sua realidade, a cidade da Baía da Traição ou sobre o povo Potiguar.

Por exemplo, em determinado momento, um dos alunos que morava próximo à Igreja de São Miguel ficou extremamente animado e instigado em estudar a partir das

fotografias que observou; ele afirmava: “Nossa, professor! a Igreja era tão arrumada e bonita assim?”; “o teto dela ainda existia!”; “Você pode me dar esta foto para mostrar para a minha mãe?”.

É perceptível como o uso dessas fontes como recursos didáticos contribuiu para o engajamento dos estudantes, estimulando sua curiosidade e participação, como pode ser observado na fotografia 2.

Fotografia 3 - Alunos observam e manuseiam os materiais didáticos da oficina.



Fonte: Imagem do autor (2025)

Entre os materiais/fontes utilizados, estavam algumas fotografias dos patrimônios trabalhados na oficina, como a Igreja de São Miguel e os canhões da aldeia forte, cada um desses materiais foi utilizado de maneira que o andamento da oficina fosse guiado por perguntas norteadoras. No caso das fotografias, foram realizadas perguntas como: “quais mudanças nos espaços podem ser notadas?”; “A igreja mudou muito a sua aparência?”; “Os canhões presentes nas fotografias estão com a mesma quantidade e aparência com os de hoje em dia?”.

Utilizar esses tipos de perguntas norteadoras auxiliam bastante no andamento da oficina, tendo em vista que elas contribuem em aspectos que serão abordados no estudo. Neste caso, além de tratar da história dos patrimônios registrados nas fotografias, foi necessário construir nos alunos uma consciência histórica em relação à passagem do tempo e das mudanças nos locais.

Após a análise das fotografias, foi o momento de observar os mapas da cidade. Neste momento, os alunos fizeram a aproximação e manejo desse material, e na análise dos mapas foram feitas observações como: a mudança dos nomes dos bairros, as construções existentes e a diferença dos espaços.

Para guiar as discussões em relação ao uso dos mapas, foi possível refletir sobre os problemas atuais na infraestrutura da cidade, como, por exemplo, o alagamento de certas ruas e bairros na cidade, e a comparação entre o passado e o tempo presente, foi possível perceber que a razão desse problema se deve ao fato de que o centro da cidade foi construído na região de um lago, e até mesmo os nomes dos bairros mais acometidos pelos problemas de alagamentos foram questionados, justamente por serem relacionados com rios, como o bairro da Várzea e o bairro do Cangulo, onde um se refere a regiões próximas ao rio e o outro a um tipo de peixe. Com essas observações e apontamentos, os estudantes puderam observar o quanto a cidade foi modificada.

Fazer esta comparação entre passado e presente é essencial para a construção do conhecimento do aluno que percebe com mais propriedade a sua realidade atual, e ao confrontar com o passado diferente, o aluno desperta para fazer questionamentos sobre as possíveis razões que levaram a tantas mudanças.

Após os mapas serem explorados, foi o momento de explorar os dados do censo demográfico de 1872, ainda no período imperial, cuja análise traz para os estudantes uma noção da população da cidade. Essa atividade foi uma oportunidade de observar questões que influenciam até hoje na população indígena da cidade, que é a miscigenação, em diversos momentos, o pertencimento étnico dos Potiguaras é colocado em questionamento, seja pela cor da pele, pelo tipo de cabelo e entre outros fatores.

No imaginário comum, o indígena é apenas aquele dotado de características fenotípicas como o cabelo liso, olhos puxados e etc, contudo, devido à miscigenação, grande parte dos povos indígenas possuem características diferentes das que são associadas a eles. Pensando nisso, o censo foi analisado a fim de descobrir as populações negras, pardas e brancas da Baía da Traição e, com isso, foi possível discutir sobre a própria aparência dos alunos e de que, apesar de não terem certas características típicas, ainda continuam sendo indígenas.

Em seguida, os alunos observaram os diversos documentos do arquivo histórico ultramarino que falavam sobre a cidade da Baía da Traição e do seu patrimônio, a

utilização desses documentos foi para demonstrar para os alunos como o patrimônio, entre eles a Igreja de São Miguel e os canhões do forte, são inseridos dentro da história da cidade e em qual contexto histórico eles foram construídos. Além disso, demonstrar para os alunos como é realizada a leitura paleográfica de documentos e os questionamentos que se deve fazer ao confrontar as fontes históricas.

Após a observação de cada uma dessas fontes, foi realizada uma roda de conversas com os alunos a fim de poder mensurar e avaliar o impacto que o trabalho com os documentos tiveram na formação do conhecimento dos alunos sobre a história local, neste momento, os alunos puderam discutir e falar sobre situações e percepções que tiveram com o material.

O resultado positivo da oficina já foi perceptível, visto que os alunos demonstraram bastante interesse em se aprofundarem no conteúdo estudado, em diversos momentos, eles relataram como nunca tinham tido essa experiência de aula, em relação a este tipo de metodologia e da discussão sobre a história da cidade.

Logo após o término da primeira aula e dos debates em relação às fontes e as temáticas em torno da história da cidade, foi possível construir uma base de conhecimentos e com isso preparar os alunos para a segunda aula onde foi planejado um estudo do meio para que o conteúdo trabalhado em sala de aula fosse explorado e observado na prática.

Tabela 2- Plano de aula da oficina

História no quintal de casa	
Duração: 2:00 h	Turma: 9ª ano A e B
Tema: Patrimônios históricos da Baía da Traição	
Objetivos Geral: Refletir sobre a história da cidade a partir do Patrimônio. Específicos: Relacionar as fontes documentais e o patrimônio observado; Analisar as características arquitetônicas e históricas dos Patrimônios; Refletir sobre a importância dos patrimônios para a identidade cultural potiguar.	
Fase inicial:	

1- Apresentar para os alunos a rota e as atividades da aula de campo; 2- Deslocamento até a Igreja de São Miguel;
Fase de desenvolvimento:
3- Observação da Igreja pelos alunos; 4- Explicação sobre a sua construção e os aspectos arquitetônicos; 5- Reflexão sobre o seu significado para a cultura potiguara; 6- Observação da proximidade entre a Igreja e o cemitério e a relação entre os dois para história da cidade; 7- Momento de perguntas dos alunos; 8- Resposta para as perguntas; 9- Deslocamento até a aldeia forte; 10-Observação dos canhões do forte e a sua posição geográfica; 11- Explicação sobre a história do forte e o seu papel na história da cidade; 12-O seu significado para o povo potiguara; 13-Momento de perguntas dos alunos; 14-resposta para as perguntas;
Fase de conclusão:
15- Roda de conversa com os estudantes sobre os conhecimentos aprendidos na oficina
Avaliação da aprendizagem
16- Observação da participação e dos questionamentos feitos pelos estudantes

A segunda aula da oficina foi dedicada ao estudo do meio, representando o momento de culminância do processo de aprendizagem iniciado em sala de aula. Esta etapa prática foi planejada para permitir que os alunos vivenciassem os patrimônios históricos que haviam sido estudados previamente por meio de documentos, fotografias e mapas.

A aula iniciou com a apresentação do roteiro e dos objetivos da saída de campo, seguindo com o deslocamento até a Igreja de São Miguel. A observação do espaço foi conduzida de forma investigativa, incentivando os alunos a analisarem minuciosamente as características arquitetônicas do templo, com destaque para a técnica construtiva em pedras brutas e argamassa, distinta das construções contemporâneas.

Além disso, os alunos compararam o estado atual de conservação da igreja com as fotografias históricas analisadas na primeira aula, percebendo notáveis diferenças em sua estrutura, mais deteriorada atualmente. Esse contraste permitiu uma discussão sobre os processos de preservação do patrimônio e os desafios envolvidos na manutenção desses espaços históricos.

Durante a explanação sobre a história da igreja, foi abordado o processo de catequização e sua relação com a formação da identidade cultural potiguar. Considerando que grande parte dos alunos eram católicos ou evangélicos, foi estabelecida uma conexão entre a história do templo e a fé dos estudantes, promovendo a compreensão da relação entre espaço, religião e cultura.

A proximidade entre a igreja e o cemitério municipal possibilitou uma reflexão sobre a organização espacial colonial onde os antigos cemitérios do período eram construídos nas imediações de Igrejas, mas na atualidade essa cultura foi modificada onde os espaços de sepultamento agora são distantes das igrejas. Porém, ainda é possível verificar esta característica colonial no cemitério da cidade.

O deslocamento seguinte conduziu o grupo até a Aldeia Forte, onde se encontram os canhões coloniais. No local, os alunos observaram a posição estratégica do fortim, situado no alto de uma falésia com vista privilegiada para o mar. A explicação sobre a função defensiva dessas estruturas gerou questionamentos acerca das relações de poder e das estratégias de resistência indígena, onde foi explicado o duplo sentido dos canhões da aldeia forte, onde servia tanto para a proteção de invasores, mas também para vigiar e controlar a população indígena, visto que havia sempre uma guarnição de soldados para proteger o forte.

Em ambos os locais, foram reservados momentos específicos para perguntas dos alunos, que se mostraram bastante participativos. Questões como "Por que a igreja foi construída neste local específico?" e "Como os canhões eram utilizados na vigilância do

território?" evidenciaram o desenvolvimento do pensamento crítico e histórico por parte dos estudantes.

A fase de conclusão da aula foi realizada por meio de uma roda de conversa onde os alunos socializaram impressões e descobertas. Foi possível perceber o amadurecimento da compreensão acerca da importância dos patrimônios para a história local, com relatos que demonstravam uma significativa apropriação do conhecimento trabalhado.

A avaliação da aprendizagem foi feita por meio da observação da participação discente durante toda a atividade, com destaque para a qualidade dos questionamentos e reflexões apresentados. Esta aula representou não apenas a consolidação dos conhecimentos trabalhados, mas também a valorização da história local como elemento fundamental na construção identitária dos estudantes, confirmando a relevância de metodologias que articulam teoria e prática no ensino de história.

Fotografia 4- Alunos observam os canhões do forte



Fonte: Imagem do autor (2025)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da oficina "História no Quintal de Casa" demonstrou a potência pedagógica do ensino de história local quando articulado com a utilização de fontes históricas como materiais didáticos e o estudo do meio. A integração entre a análise documental em sala de aula e o estudo do meio mostrou-se fundamental para despertar nos estudantes o sentido de pertencimento e a consciência sobre os seus patrimônios,

transformando patrimônios antes percebidos como elementos sem significado e história em partes vivas de sua identidade cultural.

Os resultados observados, desde o engajamento inicial com as fontes históricas até as reflexões críticas durante a visita aos locais, reforçam a importância de se romper com o tradicional ensino de História. A aproximação concreta com a Igreja de São Miguel, o cemitério municipal e o Fortim da Aldeia Forte permitiu aos alunos compreenderem processos históricos complexos, como a colonização e a resistência indígena, a partir de marcas materiais presentes em seu cotidiano.

A oficina evidenciou ainda como o trabalho com a história local pode contribuir para a valorização da identidade potiguara, especialmente ao estabelecer conexões entre passado e presente, entre o patrimônio material e as tradições culturais perpetuadas pela comunidade. As manifestações dos estudantes, carregadas de reconhecimento e curiosidade, confirmam que a história ganha significado quando dialoga com a realidade vivida pelos educandos.

Recomenda-se, portanto, que iniciativas como esta sejam incorporadas ao cotidiano escolar, com o devido apoio institucional e financiamento público, como foi possível através da Lei Aldir Blanc. A formação de cidadãos críticos e conscientes de seu lugar na história depende, em grande medida, de práticas educativas que reconheçam a importância das narrativas locais e as potencialidades pedagógicas do patrimônio cultural.

Por fim, este trabalho reafirma o papel do ensino de História como instrumento de transformação social, capaz de promover o diálogo entre saberes acadêmicos e conhecimentos comunitários, construindo pontes entre universidade e escola, entre pesquisa e sociedade, entre passado e presente.

Fontes

Trilhas dos Potiguaras. Disponível em:

<https://trilhasdospotiguaras.pb.gov.br/pt-br/destinos-e-trilhas/baia-da-traicao/ruinas-de-sao-miguel-arcanjo/>. Acesso em: 25 set. 2025.

Referências

BARBOSA, Vilma de Lourdes. Ensino de História local: redescobrimo sentidos.

Saeculum - Revista de História, ano 12, n. 15, João Pessoa, p. 57-85, jul./dez. 2006.

Disponível em : <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11357/6471>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BARROS, Lucilvana Ferreira dos Santos; SANTOS, Roberg Januário dos. A importância da história local para o ensino de história: reflexões a partir de uma experiência na Amazônia Oriental Brasileira. **História & Ensino**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 206–227, 2024.

DOI: 10.5433/2238-3018.2024v30n1p206-227. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/49810>. Acesso em: 16 ago. 2025.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Produção e uso de material didático. In.

ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo (org.). **Reflexões Sobre história local e produção de material didático**.

Natal: EDUFRRN, 2017. p. 293-330. E-book. Disponível em:

<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/reflex%C3%B5es%20sobre%20hist%C3%B3ria%20local%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20material%20did%C3%A1tico.pdf>. Acesso em 14 ago. 2025.

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. Planejamento didático em história: uma proposta de plano de aula. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 39–54, 2023. DOI:

10.22481/politeia.v21i1.11018. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/politeia/article/view/15588>. Acesso em: 1 set. 2025.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 173–191, 2009. DOI:

10.5433/2447-1747.2009v18n2p173. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.;

MAGALHÃES, Marcelo de S. (Org.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.